

VIDA RELIGIOSA E SRADDHA (FÉ)

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista Vedanta Kesari – outubro de 1962²

No *Rig Veda*, há um hino dedicado a *Sraddha*³, como uma deusa, no qual o *Rishi* ora para que possa ter devoção aos sacrifícios que realiza e ao trabalho que faz neste mundo. Sayanacarya, comentando sobre este *sukta*, diz: ‘*Sraddha* é uma afeição especial que está enraizada no homem.’ Continuando, ele a define como uma reverência distinta por um objeto ou princípio específico. O autor do *Vedantasara* a expressa como ‘fé nas palavras das escrituras ensinadas pelo guru ou mestre.’⁴

Experimentamos que, sem um pouco de fé, um pouco de confiança, nenhuma ação, seja ela secular ou religiosa, é possível. Aceitamos muitas coisas por confiança. Depositamos fé em muitas pessoas, e então as transações se tornam viáveis, a vida se torna possível. Acreditamos em certos princípios como propícios ao nosso bem-estar e nos esforçamos para aplicá-los na vida. Com que tenacidade e persistência as pessoas não se apegam às suas visões políticas específicas! Isso é fé. A menos que alguém tenha fé no que faz, não será capaz de realizar nenhum trabalho de maneira satisfatória. Portanto, a religião não exige uma lealdade especial quando diz que você deve ter *sraddha*, fé, nas palavras daquele que aceitou como preceptor.

As escrituras hindus não são dogmáticas, exigindo que você adote certas crenças específicas para sua libertação. Pelo contrário, elas vão um passo além e dizem que é necessário ir além das escrituras, ir além de todas as leis, se alguém deseja ser liberado. Pois tudo dentro da lei é uma limitação, a liberdade está além de toda lei, mas o caminho passa pelas escrituras. Simplesmente conhecer a verdade intelectualmente e insistir na excelência de suas próprias escrituras não é suficiente. Devemos verificar as proposições, os princípios enunciados nas escrituras, em nossas próprias vidas. Quem tem verdadeira *sraddha* nas declarações das escrituras não espera que alguém o incite a avançar. Sri Ramakrishna costumava dizer: ‘Suponha que haja um ladrão em um quarto e ele saiba que um grande tesouro está separado dele apenas por uma parede fina, ele pode descansar satisfeito apenas sabendo disso? Ele não tentará possuí-lo?’ A *sraddha* é assim. Ela torna a pessoa inquieta para possuir aquilo que mais valoriza e serve como força motriz que faz o homem saltar para a luta e avançar corajosamente em direção ao nobre objetivo, a realização de Deus.

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Do editorial original em inglês, *Religious Life and Sraddha*.

³ *Rig Veda*, 10 Mand. 151 Sukta.

⁴ VS-4

Assim como as escrituras, os verdadeiros mestres não exigem obediência inquestionável; eles estão sempre prontos para satisfazer as dúvidas de um buscador genuíno. O que eles exigem é que o buscador seja sincero e não simplesmente um estoico que argumenta por mera argumentação. Swami Vivekananda, de maneira impactante, implanta a ideia de fé ao dizer: 'De que adianta acreditar em Deus senão O vemos? De que adianta a fé de que temos uma alma se não a experimentamos?' Esse tipo de crença firme é *sraddha*.

Com o avanço da ciência e da tecnologia, a fé das pessoas na religião diminuiu. A ciência física usurpou, por assim dizer, o lugar das escrituras. Agora, essa ciência física diz: o homem não é mais do que um animal. Por quê? Porque ela não consegue ver o homem senão como um corpo. A outra parte, o verdadeiro ser do homem, permanece oculta de sua visão, está além de seu alcance, já que não é material. No início, os cientistas duvidavam da existência da alma, pois não encontraram nada semelhante durante o processo de dissecação dos corpos. Eles chamavam a ideia de alma e religião de fantasia ociosa de alguns cérebros insanos. Os primeiros psicólogos, ou, citando um estudioso ocidental, os 'materialistas médicos', disseram com impunidade que os voos da alma dos santos eram 'nada além de' expressões de seus distúrbios orgânicos. Mas a ciência da alma, a religião, sorriu com seu vã tagarelar e permitiu que continuassem falando, nunca por um momento duvidando de suas conclusões bem verificadas. A religião afirmou firmemente que o homem é divino. Swami Vivekananda declarou corajosamente: 'O homem é potencialmente divino.' Os *Upanishads* dizem: 'Tu és Aquilo⁵ (o Ser Infinito)', de quem todo o universo é projetado, em quem é mantido e em quem se dissolve novamente.

Aqui, uma pequena divagação é inevitável. Pode-se perguntar: 'O homem não se tornará egocêntrico ao pensar que é o criador, o preservador e o destruidor do universo?' Um pouco de reflexão sobre a declaração acima certamente dissipará todas essas questões. Algum pensador ponderado pode compreender que este universo emanou de seu corpo? Ele pode pensar que todo o universo, com suas variedades de manifestações fora de si mesmo, é mantido em seu corpo? Ele ousa acreditar que o universo inteiro durará apenas enquanto seu corpo durar? Uma negativa enfática será a resposta. Portanto, os *Upanishads* certamente não se referem ao corpo quando dizem 'Tu és Aquilo', mas ao *Ātman*, o Espírito Interior, o 'ser'. Assim, não há maneira de um homem que conhece essa verdade ser egocêntrico, e nenhum homem podemos dizer conhecer essa verdade enquanto se identifica com o corpo. O *Ātman*, é claro, deve recorrer a um veículo para se manifestar, assim como precisamos do auxílio de algum transporte para qualquer jornada, curta ou longa. Agora, o corpo forma o veículo para o *Ātman*.

O homem, no entanto, se identifica com o veículo, o corpo, e se esquece de si mesmo ao atender às suas necessidades. É verdade que o homem, como corpo, não é mais do que um animal; então, quando ele se identifica com o corpo, ele exhibe todas as qualidades de um animal. Os instintos de autopreservação, prazer sensorial,

⁵ *Chandogya*, VI. viii. 7.

desconfiança, malignidade, paixão e semelhantes são mais proeminentes nesse momento. Mas, mesmo na vida do homem mais vil, surgem momentos em que ele evidencia magnanimidade, afeto, compaixão e benevolência, que são suas qualidades divinas inerentes. Esses são os momentos em que os lampejos do homem real vêm à tona, superando a natureza animal. A luta na vida, o objetivo da religião, é converter esses momentos raros em uma experiência contínua: subjugar a natureza animal de uma vez por todas. E aqui é que a *sraddha* ajuda como um grande recurso.

***Sraddha* como reverência distintiva**

Das três definições acima de *sraddha*, primeiro abordaremos *sraddha* como reverência distintiva. Quem realiza sacrifícios ou realiza trabalhos ou dá presentes sem reverência pelo sacrifício, ou pela causa pela qual trabalha ou doa, apenas desperdiça seu tempo e energia. Ele não colhe nenhum fruto, nem aqui nem após a morte, diz o *Bhagavad Gita*⁶. Os *Upanishads* são categóricos a esse respeito. Eles proíbem o homem de dar quando ele não tem reverência pela causa⁷. O *Kathopanishad* ilustra isso com uma história: Havia uma pessoa chamada Vajasravas. Ele realizou um sacrifício. Uma das condições do sacrifício era dar tudo de bom que o sacrificador possuía. Mas esse homem era um avaro. Então, após o sacrifício, ele deu como taxa aos *Brahmanas* apenas vacas velhas, cansadas e incapazes de fornecer leite e inúteis⁸. Ele tinha um filho. Embora fosse um menino, ele percebeu que o que seu pai professava e fazia não correspondia. O *Upanishad* diz: '*sraddha* entrou neste menino naquele momento⁹.' O menino percebeu que seu pai não tinha *sraddha* no sacrifício ou em dar presentes. O pai só ansiava pelo mérito. Ele queria salvar o pai de ir para uma região de miséria eterna dando tais presentes inúteis. Ele questionou: 'Pai, a quem você vai me dar?' O pai ficou quieto. Uma segunda e terceira vez o menino repetiu a pergunta. O pai ficou irritado com a audácia do menino e disse: 'Estou te dando a Yama, o Rei da Morte.' Imperturbável, o menino partiu imediatamente para a morada de Yama. O pai ficou desconsolado. O menino, no entanto, consolou seu pai, dizendo que tudo o que nasce, como a vegetação que cresce e morre e brota novamente, tinha que morrer, e que não havia razão para se preocupar com o passado. Agora, a *sraddha* trouxe o menino Naciketas à morada de Yama, e de Yama ele aprendeu o autoconhecimento, o caminho para a libertação, e retornou como uma alma iluminada.

Novamente, o *sukta* do *Rig Veda* mencionado aqui, no início, diz que devemos acender o fogo para o sacrifício com *sraddha*¹⁰. As oferendas assim oferecidas com *sraddha* obtêm para o sacrificador resultados em abundância. O sacrificador dotado

⁶ *Gita*, 17. 28

⁷ *Taittiriya Up.*, 1. 11. 3

⁸ *Katha Up.* 1. 3

⁹ *Ibid.*, 1. 2

¹⁰ 10. 151. 1.

de *sraddha* é ele próprio referido pelo nome de *sraddha* quando vai ao céu¹¹. Pois é essa reverência e fé no sacrifício e nas escrituras que o fazem ir ao céu. Portanto, quer alguém busque gozo ou liberação, deve ter reverência e fé nos deveres que realiza.

***Sraddha* como afeição**

Encontramos *sraddha* como afeição todos os dias de nossas vidas. A mãe serve a casa e os convidados com *sraddha*. Amor e afeição não podem surgir sem *sraddha*. A indisciplina é desenfreada nas escolas e faculdades hoje. Por quê? Porque os alunos não têm *sraddha* na educação que recebem, nem nos professores. Educação (*vidya*) nos tempos antigos era considerada o maior presente — depois da espiritualidade — que alguém poderia dar. Era vista como a bênção da deusa Saraswati. Essa *sraddha* deixou os portais dos ‘Templos do Conhecimento’ na era atual, e por isso sofremos. Reviva a afeição, a *sraddha*, pela educação e pelo professor, e tudo voltará ao normal. Essa própria *sraddha* nos guiará.

***Sraddha* como fé nas palavras do Guru**

Embora uma distinção tenha sido feita nas definições dos três tipos de *sraddha* para fins de ilustração, não é possível dizer onde um começa e o outro termina. Todas essas qualidades são inseparáveis. Uma complementa a outra. Quando uma está presente, as outras duas seguem naturalmente. *Sraddha* é fé infantil.

Se a mãe diz apontando para um homem: ‘Ele é seu irmão mais velho,’ a criança acredita que o homem é seu irmão. Da mesma forma, em cada ação, a criança acredita implicitamente na mãe. Muitas são as histórias que Sri Ramakrishna contou aos devotos para impressionar neles a necessidade de *sraddha*, fé, nas palavras do guru. Ele certa vez disse: ‘Havia um menino chamado Jatila. Ele costumava caminhar para a escola através das florestas, e a jornada o assustava. Um dia ele contou à mãe seu medo. Mas o que a mãe poderia fazer? Ela era muito pobre para fornecer um servo. Ainda assim, ela era uma devota do Senhor. Interiormente, ela orou ao Senhor para proteger seu filho. Ela respondeu: “Por que você deve ter medo? Chame Madhusudana.” “Mãe,” perguntou o menino, “Quem é Madhusudana?” A mãe disse: “Ele é seu irmão mais velho e vive nas florestas.” Um dia, depois disso, quando o menino sentiu medo novamente nas florestas, ele gritou: “Ó Madhusudana.” Mas não houve resposta. Ele começou a chorar alto. “Onde você está, Irmão Madhusudana? Venha até mim. Estou com medo.” Então Deus não pôde mais ficar longe. Ele apareceu diante do menino e disse: “Aqui estou eu. Por que você está com medo?” E dizendo isso, ele tirou o menino da floresta e mostrou-lhe o caminho para a escola. Quando ele se despediu do menino, Deus disse: “Virei sempre que você me chamar. Não tenha medo.”’ Deve-se ter tal fé infantil nas palavras do mestre e tal anseio para realizar o objetivo.

¹¹ Chand. Up. 5. 4. 2.

Eficiência de *Sraddha*

A eficácia da fé nunca pode ser superestimada. As histórias acima fornecem ampla prova desse fato. Mas, para que não se pense que essas são meras fábulas e contos de fadas para atrair mentes infantis, vamos narrar alguns eventos recentes. Sri Girish Chandra Ghosh, o pai do teatro bengali, levava uma vida boêmia antes de conhecer Sri Ramakrishna. Mas seu encontro com o Mestre provou ser o ponto de virada em sua vida. Ele foi atraído cada vez mais por Sri Ramakrishna. Sua admiração pelo Mestre aumentou a cada visita. Gradualmente, a convicção cresceu nele de que o Mestre não era outro senão Deus encarnado para redimir a humanidade. Essa fé teve um grande efeito em seu caráter. Seus vícios o abandonaram um por um, até que, por fim, lembrar-se do Mestre se tornou a única paixão dominante de sua vida. Um pecador foi transformado em santo. Esse é o milagre de *sraddha*.

E também, Swami Adbhutananda, Latu Maharaj, um discípulo de Sri Ramakrishna, embora tenha começado sua vida como um garoto serviçal na casa de um dos devotos do Mestre, logo ascendeu ao pináculo das realizações por meio de uma fé simples. Ele tinha fé infantil em Sri Ramakrishna. As palavras do Guru eram como mandamentos divinos. Ele as seguia sem questionar. Ele não tinha dúvidas. O Mestre era sua estrela polar. Como o provérbio da ostra que afunda ao fundo do mar após receber uma gota de chuva para gerar uma bela pérola, ele se isolou em si mesmo e, seguindo os ensinamentos do Mestre, tornou-se um santo por direito próprio. Embora literalmente iletrado, nenhuma filosofia era um livro fechado para ele. Isso confirmava, por assim dizer, a famosa passagem do *Gita*: 'Uma pessoa de fé firme alcança o conhecimento, sendo devotada a ele ao controlar os sentidos; e ao obter o conhecimento, alcança a paz que ultrapassa todo entendimento¹².'

Mais uma vez, é de conhecimento geral que o cético Narendranath se transformou no mundialmente impactante Swami Vivekananda por sua maravilhosa *sraddha* nas palavras do Mestre.

Diferentes tipos de *Sraddha*

A *sraddha*, novamente, é de três tipos. Cada um tem fé de acordo com as inclinações com que nasce, e conforme é sua fé, assim ele se torna¹³. O homem, de acordo com os *Sankhyas*, é feito de três constituintes: *sattva*, *rajas* e *tamas*. Em cada pessoa, todas essas qualidades estão presentes em maior ou menor grau. A diferença entre homem e homem é devido à predominância de algum desses constituintes. Se *sattva* for predominante, a fé de tal homem tenderá ao respeito pelos mais velhos, à adoração de Deus e coisas semelhantes. Se *rajas* for preponderante, a pessoa tenderá

¹² *Gita*, 4. 39.

¹³ *Gita*, 17. 3

à adoração de outros deuses; terá grande avidez por nome e fama. Se *tamas* for excessivamente predominante, sua inclinação será para a adoração de fantasmas e espíritos. Todas as atividades do homem podem ser atribuídas ao funcionamento desses constituintes. A proporção em que eles existem no homem forma sua natureza, que Sri Krishna chama de *prakriti*, e é comumente conhecida como caráter.

Perfeição de caráter como objetivo de toda religião

Agora, esse caráter ou natureza precisa ser purificado de suas impurezas, precisa ser aperfeiçoado, para que dê espaço para a manifestação de uma fé mais elevada e nobre. Todas as escrituras visam isso. Um homem não pode ser verdadeiramente religioso se for imperfeito em seu caráter. A verdadeira *sraddha* surge apenas em uma natureza perfeita. Portanto, nas etapas iniciais, a *sraddha* deve ser cultivada, e para isso todas as forças ou qualidades concomitantes devem ser desenvolvidas. Quando a perfeição no caráter é alcançada, daí então se realiza Deus. Somente na realização de Deus a fé adamantina, completa *sraddha* em Deus, se enraíza firmemente. Até então, toda crença em Deus está sujeita a vacilações. Nosso objetivo na vida deve ser ter essa fé adamantina. Assim, a *sraddha* é o fator orientador da vida religiosa do início ao fim. Sem *sraddha*, a vida religiosa não significa nada. Com *sraddha*, ela é tudo.

• • • •